

## A FORMA CONTO E A SUA IMPORTÂNCIA

João Décio

A forma conto como criação literária é bem recente. Data, no caso da Literatura Brasileira e Portuguesa, de um século e meio aproximadamente.

Comparativamente ao romance ou à novela ou mesmo à poesia, o conto tem merecido pouca atenção das histórias literárias e da crítica em geral. Estamos nos referindo ao problema naturalmente no que tange à Literatura Portuguesa e Brasileira, já que em outras literaturas o conto tem merecido a atenção da crítica. Apenas para lembrar um dos casos mais expressivos, destacaremos a obra de Manuel Baquero Goyanez. Esse crítico espanhol realizou um exaustivo trabalho sobre *El Cuento Espanõl en el Siglo XIX*, no qual estudou a teórica do conto, suas ligações com a novela e a poesia e ainda procedeu a uma detida análise dos tipos de contos na Literatura Espanhola do Século XIX. Trata-se de um dos trabalhos mais completos que se fez sobre a forma conto e em Literatura Portuguesa cremos que seria de interesse realizar um trabalho realizado nos moldes de Baquero Goyanez. No caso da Literatura Portuguesa temos, na maior parte das vezes, artigos de revistas. Destacaríamos aqui os artigos sobre o contista Fialho de Almeida, publicados na *Estrada Larga* n.º 3, e o artigo de Feliciano Ramos sobre o conto de Eça de Queirós na *Estrada Larga* n.º 1. Trabalhos de longo fôlego são mais raros. Seria necessário lembrar o *Fialho*, *Introdução a sua Estética*, de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, e o trabalho de Feliciano Ramos sobre os contos de Trindade Coelho. Necessário seria destacar ainda o *Fialho de Almeida*, com antologia selecionada por Jacinto do Prado Coelho. Apresenta ainda este estudo algumas notás interpretativas do contista e da sua obra.

Já no caso de estudos brasileiros sobre o conto, destacaríamos *Crítica Avulsa*, de Antônio Houaiss, onde há uma introdução sobre o conto em geral para depois deter-se o crítico no

estudo de alguns contistas brasileiros. Massaud Moisés, no número 5 da *Revista de Letras* editada pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Assis, publicou um trabalho dos mais lúcidos sobre a forma conto. Intitula-se *Conceito e Estrutura do Conto*. O crítico e historiador estuda o conceito, a estrutura, a linguagem (narração, diálogo, descrição), as ligações do conto com o teatro e com a poesia. O crítico ainda estuda os diferentes focos narrativos e a sua importância na elaboração do conto. Herman Lima também estudou, embora brevemente, a forma conto, numa síntese que vai das origens do conto até sua estrutura atual. Aliás, o trabalho de Herman Lima constitui uma conferência dentro de um ciclo realizado na Academia de Letras da Bahia, em 1957.

Quanto aos trabalhos universitários (teses de Doutorado e de Livre-Docência) se têm preocupado mais com o romance e a poesia ou com aspectos literários da Idade Média. No Brasil, ou melhor em São Paulo, apenas dois trabalhos universitários (aliás, duas teses de Doutorado) se preocuparam com o conto. Um deles, a tese de Lucrécia D' Aléssio sobre "*O Regionalismo no Conto Valdomiro Silveira*", livro de que temos conhecimento mas não lemos ainda pois está em fase de preparação para publicação. Outro, foi o trabalho que tivemos oportunidade de apresentar em setembro de 1966, em Concurso de Doutorado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, intitulado "*Introdução ao Estudo do Conto de Fialho de Almeida*."

Muito pouco se fez até agora no Brasil e em Portugal em torno do conto. Já é tempo que se tome a peito a empresa de pesquisar mais e mais em torno dessa forma literária que dia a dia vem ganhando mais prestígio e expressão.

O conto: forma autônoma e definida.<sup>1</sup>

A reflexão em torno do tipo de conto realizada no século XIX (romantismo e realismo), seja na Literatura Portuguesa, seja na Brasileira e especialmente em torno da realizada na atualidade, leva-nos a conceituá-lo como a forma dramática reduzida no tempo e no espaço, para configurar um acidente, ou um incidente, enfim um acontecimento na vida de uma personagem. Ora, se o conto se preocupa com apenas um fato, deriva daí a presença de uma única ação. Daí haver unidade de ação no conto. Tudo portanto deve convergir para a elaboração de um problema, limitado no tempo e no espaço. Do

(1) No geral, aceitamos as idéias de Massaud Moisés no artigo: "Conceito e Estrutura do Conto".

fato de haver unidade de ação deriva a impossibilidade de deslocação no espaço, ou mais rigorosamente, de lugar. Ainda mais, sendo a apresentação de uma ação, de um acontecimento, também não há deslocamento no tempo. Este deve ser um e um só. Donde, haver no conto unidade de tempo; — assim, unidade de ação, tempo e lugar constituem as três unidades fundamentais do conto que o diferenciam grandemente do romance ou da novela. A propósito de unidade de ação, recuemos no tempo e vejamos o que diz Aristóteles a respeito deste assunto, embora ele se refira especificamente à tragédia. Diz o sábio grego na sua *Arte Retórica e Arte Poética*:

Das histórias, algumas são simples, outras complexas; e com efeito as ações, das quais as histórias são a imitação, não acham evidentemente ser tais. Eu chamo ação simples aquela cujo desenvolvimento, como se definiu, permanece um e contínuo e na qual a mudança não resulta nem de uma peripécia, nem de um reconhecimento, e ação complexa aquela em que a mudança da sorte resulta do reconhecimento ou da peripécia ou dos dois meios.

Estas palavras que Aristóteles usou para diferenciar as ações no caso da tragédia podem ser transportadas para precedermos a uma situação do conto em comparação, por exemplo, com o romance ou a novela. O conto implica uma ação simples, onde ocorre a redução do tempo e do lugar, o que leva a unidade nesses dois aspectos. O romance e especialmente a novela implicam ações complexas onde ocorrem as peripécias (especialmente a novela). Exemplo típico são as peripécias que surgem, por exemplo, numa novela como *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, onde personagens secundárias proporcionam as peripécias e constituem motivos para outras ações sucessivas, distintas da ação principal. O fato de o conto apresentar uma ação simples, pode oferecer a impressão (aliás errada) de que é mais fácil realizar um conto que um romance ou uma novela. Isto é só aparente, visto que se já no romance ou na novela, o artista narra os fatos selecionando-os, escolhendo os que julga mais importantes para as suas personagens, no conto esta seleção é ainda mais rigorosa (estamos pensando, é claro, em contos bem realizados artisticamente).

O conto constitui forma de grande importância, porque se consubstancia na revelação de um momento importante (quase sempre o mais importante na vida da personagem) e que por isso mesmo modifica totalmente o sentido, a direção da vida dessa personagem. O conto, com todo seu sintetismo e intuição dos grandes momentos humanos constitui por isso mesmo a

expressão de uma cultura adiantada. Aliás, Baquero Goyanez, o festejado autor de *El Cuento Españôl en el Siglo XIX*, afirma muito acertadamente:

O conto é o matiz. E somente uma civilização refinada, cheia de experiência, pode aprender a captar e expressar os matizes. Ao declinar o século XIX, em seus últimos anos, adquire perfeição e êxito um gênero literário que nosso século herdou como mais característico, até o ponto de que se pode falar de decadência do romance, ninguém pensará em dizer o mesmo do conto, delicado instrumento artístico com o qual ficam muitas coisas por dizer. (p. 150).

E é curioso notar que o conto surgiu como forma literária, depois que a novela e o romance tinham já adquirido certo prestígio, isto é, surgiu numa época em que tais formas em prosa já tinham adquirido uma maturidade e uma expressão muito grande.

No caso da Literatura Brasileira, a forma conto começou a adquirir características próprias e independentes do romance é da novela, com Machado de Assis. Especialmente nos contos de feição realista, mas mesmo nos de feição romântica, Machado de Assis realizou o conto como uma forma dramática que revela um acontecimento de grande relevância na vida da personagem. Assim é que na Literatura Brasileira, somente depois da realização de inúmeros romances (especialmente no romantismo) é que surge o conto realizado com certa perfeição literária. O citado Machado de Assis é na verdade o divisor de águas em torno do conto, pois é a partir dele que na Literatura Brasileira, a forma adquire expressão e relevo.

No caso da Literatura Portuguesa ocorre o mesmo fenômeno. Embora no Romantismo, já o conto apareça cultivado por Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis, o fato é que a forma ainda não se tinha individualizado e não raro estabelecia-se o conto como o embrião de uma novela. Somente no realismo, com os contos de Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Trindade Coelho, Abel Botelho, Teixeira de Queirós, Conde de Arnoso e Teixeira Gomes, a forma vai adquirir "status", aperfeiçoando-se. Aliás, curiosamente, note-se que a produção contística na época do Realismo em Portugal é em quantidade indiscutivelmente comparável ao romance (de Eça de Queirós no Realismo e Abel Botelho no Naturalismo). Pode-se dizer que no Realismo em Portugal, a forma conto se desliga da novela, a que esteve ligado no Romantismo e se torna mesmo uma forma nobre. Desde então, o conto vem-se aperfeiçoando e tomando cada vez mais características específicas e especiais. Aliás, o

conto não é só expressão de um refinamento mas também reflexo da agitação cada vez mais crescente nos seres humanos, especialmente das grandes cidades. O conto, por ser narrativa curta, equaciona-se perfeitamente com a velocidade da época. O conto atende perfeitamente às pessoas apressadas, que não têm tempo a gastar com longas narrativas (romance e novela). Assim, dois aspectos vão convergindo para fazer do conto a narrativa do presente e do futuro: o seu constante processo de aperfeiçoamento, de depuração, e a agitação cada vez maior das criaturas humanas o que proporciona pouco tempo a leitoras. O que se vier a ler será curto, será o conto.

O conto, como toda forma narrativa, exige a presença de dois elementos fundamentais: o seu conteúdo e a sua forma, ou melhor os recursos narrativos. Esta é uma divisão puramente didática, já que o contista quando cria seu conto vê-se num processo global, em que se fundem fundo e forma. E a elaboração de um bom conto prende-se naturalmente ao uso equilibrado dos recursos narrativos e principalmente à originalidade na visão da vida. Assim é que é preciso que se tenha em conta, em primeiro lugar, que a forma narrativa conto é grandemente dinâmica, aliás, a mais dinâmica narrativa dentre as narrativas modernas. Se falamos em dinâmica, vêm-nos imediatamente a idéia de ação. E realmente, o verdadeiro conto deve traduzir uma ação de tal forma que todos os outros elementos (personagens, tempo, espaço, recursos narrativos) estejam subordinados a esta ação. Do fato de se preocupar com as ações é que deriva a objetividade e a plasticidade do conto. Massaud Moisés diz acertadamente a este respeito:

“A estrutura do conto corre linhas paralelas com as três unidades e o número de personagens. O conto é essencialmente “objetivo”, “plástico”, “horizontal” e, por isso, costuma ser narrado na terceira pessoa. Ainda: foge do introspectivo porque o seu campo de ação é a realidade viva, presente, concreta. Divagações ou digressões não devem aparecer, pois seria ofender-lhe a estrutura: trata-se duma breve história em que todas as palavras precisam ser suficientemente necessárias, e convergir para o mesmo alvo”. (“Conceito e Estrutura do Conto”, in *Revista de Letras de Assis*, n.º 5, p. 71).

O fato de o conto ser plástico e objetivo e trazer apenas um acontecimento na vida de uma personagem pode dar a impressão (falsa aliás) de que é mais fácil escrever um conto que um romance ou uma novela. E explicamos por quê: um romance, ou uma novela narram acontecimentos inúmeros da personagem ou das personagens; no caso da novela, por exem-

plo inclusive surgem ações e personagens secundárias que estabelecem desvios da ação principal. Portanto, no caso dessas duas formas, narram-se acontecimentos, alguns importantes, outros secundários. É claro que num romance ou numa novela não se pode contar todos os acontecimentos na vida de uma personagem. Portanto, há uma seleção dos acontecimentos. Ora, esta seleção é muito mais rigorosa no caso da elaboração do conto: senão vejamos. No conto deve-se preocupar com a escolha de uma ação, um fato, um acontecimento de valor transcendental para a personagem, de tal forma que modifique totalmente a direção, o sentido da vida dessa personagem. E esta seleção que implica todo processo de síntese é muito mais difícil de ser feita. Exige, por isso mesmo, maior intuição dos problemas do ser. É, aliás, este espírito de síntese, de intuição, de conhecimento seletivo e direto da realidade que faz com que haja, na elaboração do conto, o mesmo rasgo que ocorre na elaboração da poesia. O conto elabora-se de uma vez, com todos os elementos necessários (o conteúdo e o continente) de tal forma que o contista, quando elabora o conto, sintetiza de um lance aquilo que diz com os recursos para dizer. É o que se observa, por exemplo, no conto realista em Portugal e no Brasil, com contistas como Machado de Assis, como Eça de Queirós, como Fialho de Almeida, na quadra do Realismo. É o que se observa, modernamente, no caso da Literatura Portuguesa, com contistas como José Rodrigues Migués, Urbano Tavares Rodrigues, Fernando Namora e tantos outros.

Aliás, já que citamos alguns autores atuais da Literatura Portuguesa, façamos breve parêntese para dizer que, embora no Realismo o conto português tivesse adquirido autonomia, por exemplo, com autores como Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Trindade Coelho, Abel Botelho e outros, o conto ainda era muito descritivo. Na atualidade enxugou-se o conto, para que ele se preocupe exclusivamente com o problema específico da personagem. As adiposidades descritivas (da natureza, da paisagem) foram postas de lado e é por isso que o conto moderno em Portugal, adquire um sentido psicológico acentuado, embora continue a ser fundamentalmente ação. Assim o binômio ação — dados psicológicos é a grande expressão do conto moderno em Portugal. A tendência do conto, tanto em Portugal quanto no Brasil, é aumentar o sentido introspectivo, ampliar a dimensão interna da personagem, ao mesmo tempo que a lança dentro de uma dramática universal.

Já que estamos falando de Portugal e do Brasil, estabelecendo-se um processo comparativo entre os dois países, o fato

é que embora seja maior o número de contistas do Realismo em Portugal, nenhum deles chegou à perfeição da forma da-quele que foi o grande contista brasileiro do Realismo: Machado de Assis. E portanto, depois destas rápidas linhas de ordem teórica em torno do conto, nada mais justo do que estudar o conteúdo em torno da figura mais expressiva da Literatura Brasileira no século XIX.

## O CONTO DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis, como artista, realizou várias formas literárias: o conto, o romance, a poesia, o teatro. No campo das idéias, realizou crônica, crítica teatral e crítica literária. Como estamos a ver, na obra machadiana existem variadas direções e em todas elas, o artista deixou a marca do seu talento. No campo da ficção literária que é que nos interessa, as mais importantes criações foram os contos e os romances. Parece que o espírito de Machado de Assis se dava melhor com estas duas formas literárias. Sabia captar os incidentes ou acidentes da vida das criaturas humanas, sabia captar certos momentos reveladores na vida diária de cada um. Isto é o que leva a realizar o conto, forma literária sintética por excelência. Por outro lado, a observação longa e meditada das ações das personagens, procurando ver as criaturas em vários e múltiplos momentos da vida, leva-o a uma forma analítica, com visão total da vida, e lentamente elaborada: disto resulta o romance. Antes de passarmos ao estudo particular de nosso tema, queremos deixar acentuado que o conto e o romance de Machado de Assis assinalam um processo de evidente renovação não só dos temas literários como do seu tratamento.

Na forma conto em que nós vamos deter inicialmente, Machado de Assis deixou várias obras: *Papéis Avulsos*, *Várias Histórias*, *Contos Fluminenses*, *Histórias de Meia Noite*, *Páginas Recolhidas*, *Relíquias da Casa Velha* e *Histórias sem data*. Tais livros se dividem entre as duas estéticas (se é que é possível colocar Machado de Assis em alguma estética): Romantismo e Realismo. Na primeira delas, as forças motrizes de ordem sentimental, visão lírica da vida, os pequenos problemas amorosos da classe burguesa, aparecem com maior destaque. No realismo, alguns problemas mais profundos, uma certa tendência de análise dos sentimentos e a apresentação de pequenos dramas morais, também de certos tipos burgueses, são os que mais interessam. Nos dois casos, contos românticos

e realistas, a forma predominante é a dramática, imposta pelo diálogo e pela narração. A descrição serve de cenário às ações no conto romântico e no realista, os elementos descritivos são mais funcionais, explicando na medida do possível a problemática psicológica, que aliás não é fundamental, no conto. Como sabemos esta forma é eminentemente narrativa e dramática, o autor quer contar rápida, direta, objetivamente, uma história curta, um acidente, um momento na vida da criatura, daí não poder o autor deter-se em minúcias descritivas muito menos em divagação. Daqui deriva a dinâmica do conto machadiano. Além disso, sendo um momento na vida da criatura, a ação não pode deslocar-se no espaço. Disto resulta a unidade de lugar que existe no conto machadiano; como o contista está se preocupando em contar o mais rapidamente possível um caso, não se pode deslocar-se no tempo, daí haver a unidade de tempo. Por outro lado, existe no conto machadiano, também, unidade de ação, visto que, estando preocupado em contar o mais rapidamente possível um acidente, um momento da vida da personagem, não há várias ações. Há uma ação e tão-somente uma.

Claro que as características formais do conto machadiano resultam de certos elementos de conteúdo e não o contrário, como muitos possam pensar.

No caso de conto realista de Machado de Assis, a preocupação é fazer uma análise de alguns problemas mostrando que, em dados momentos, a criatura revela exatamente aquilo que é, e que está jogado para o subconsciente e que aflora em ocasiões propícias. Assim é para Machado de Assis, nos seus contos, a criatura humana carregando seu fardo de defeitos, espera o momento oportuno, uma circunstância apropriada para se revelar e precisamos estar sempre atentos, na leitura do conto de Machado de Assis, para percebermos este momento oportuno. Aqui Machado quer mostrar que muitas vezes o subconsciente da criatura humana aflora inevitavelmente, condicionado pela existência anterior da criatura (que ao conto não interessa revelar) e pelo momento oportuno.

É o que ocorre, por exemplo, na análise de alguns contos em que o problema moral, centrado no adultério (pelo menos em pensamento), constitui o elemento mais importante. É o caso especialmente de "A Missa do Galo", das melhores coisas que nos deixou Machado de Assis, e onde o artista capta o momento revelador de uma mulher, ainda cheia de encantos, Conceição, quando conversa, na noite da Missa do Galo, com o jovem adolescente Nogueira. Para essa revelação, o artista cria um ambiente de penumbra, numa sala da casa de Concei-

ção, pouco antes da meia-noite. A ação do conto decorre em alguns minutos apenas, havendo unidade de tempo, de lugar e de ação. Neste conto, o importante reside naquilo que é vislumbramento da agitação interior da personagem, narrada por vários gestos através da descrição, que se insinua entre a narração e o diálogo. O outro conto é “Uns Braços”, em que igualmente, Machado de Assis revela num certo momento certas tendências eróticas da figura de D. Severina com relação ao jovem Inácio. Apenas que esta figura feminina é mais grosseira e não tem a suavidade e a delicadeza de Conceição de “A Missa do Galo”. Machado criou nos seus contos românticos e realistas uma série de mulheres, preocupando-se sempre com aspectos da psicologia e da conduta feminina, como ocorre também no seu romance romântico e realista.

Nos contos machadianos, a realidade dominante é a do cotidiano e as personagens também estão ligadas a acontecimentos do dia-a-dia. O valor do conto machadiano está no processo da revelação de certos aspectos mais profundos da criatura, que fogem a este ramerrão. Digamos que Machado de Assis, no seu conto, parte do cotidiano, para atingir algumas verdades universais da criatura.

Assim, embora tomando certos tipos na sua vivência social, nas suas relações com outras criaturas, Machado está especialmente preocupado como em revelar certas ânsias secretas, certos desejos, que não afloram, senão em vista da volta do homem para si mesmo. É o caso que ocorre em contos como “Cantigas de Esponsais” e “Um Homem Célebre”, onde Machado de Assis, assinala o homem vivendo em sociedade, mas em face de si mesmo, preocupado em criar alguma coisa de mais universal, de mais eterno, que afinal não consegue. Ambos os protagonistas compositores não conseguem criar aquilo que vá além da exigência de certos tipos sociais burgueses que os cercam. É a luta da oposição entre a realidade e a idealidade em face das coisas.

Dentro desta visão do cotidiano, igualmente Machado procurou captar a vida de personagens em sua profissão. É o caso de contos como “O Enfermeiro”, “A Cartomante”, “O Escrivão Coimbra”.

Em outros contos como “O Espelho”, Machado analisa o problema das duas personalidades da criatura: uma que apresenta nas suas relações sociais, outra autêntica, revelada perante si mesma.

Em outros contos, como “Noite de Almirante”, Machado de Assis marca certo aspecto universal, ao assinalar que o tempo

muda as criaturas, opondo aqui a figura da mulher realista perante os problemas da vida e o homem romântico, idealista, crente das virtudes da mulher, corroídas afinal pela passagem do tempo.

Enfim, embora seja o conto uma forma sintética, em que muita coisa deve ser subentendida, o fato é que Machado de Assis consegue nele insinuar certa universalidade, pelo menos no sentido de demonstrar que todas as criaturas apresentam momentos incomuns, que são mesmo a sua própria personalidade. Portanto não devemos ver no conto machadiano tão somente o relato de uma história sem maior problema. Especialmente nos contos realistas reunidos em *Papéis Avulsos*, *Várias Histórias* e *Papéis Recolhidos*, o contista sempre nos põe problemas para pensarmos, acerca das criaturas, de suas virtudes e defeitos. Alguns contos que são exemplo do que dizemos são os citados “Missa do Galo”, “Uns Braços”, “Noite de Almirante”, “Trio em Lá Menor”, “O Espelho”, “Singular Ocorrência”, “A Cartomante”, “Um Homem Célebre”, “Cantiga de Esponsais”, “Teoria do Medalhão” e muitos outros. Depois da leitura destes contos, para saborear-lhe a mensagem é necessário que reflitamos, profundamente, nos problemas destas personagens, que muitas vezes são os nossos problemas.

Deixando de lado os livros de histórias românticas, como *Os Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia Noite*, é nas obras da feição realista que Machado de Assis nos traz o melhor de sua obra contística. São elas *Várias Histórias*, *Páginas Recolhidas* e *Papéis Avulsos*. O primeiro livro encerra os seguintes contos: “A Cartomante”, “Entre Santos”, “Uns Braços”, “Um Homem Célebre”, “A Desejada das Gentes”, “A Causa Secreta”, “Trio em Lá Menor”, “Adão e Eva”, “O Enfermeiro”, “O Diplomático”, “Mariana”, “Conto de Escola”, “Um Apólogo”, “D. Paula”, “Viver”, “O Conêgo ou Metafísica do Estilo”.

*Páginas Recolhidas* compreendem os seguintes contos: “O Caso da Vara”, “O Dicionário”, “Um Erradio”, “Eterno”, “Missa do Galo”, “Idéias de Canário”, “As Lágrimas de Xerxes”, “Papéis Velhos”, “O Velho Senado”, “Um Cão de Lata ao Rabo”, “Filosofia de um Par de Botas”, “Antes da Missa”, “Três Tesouros Perdidos”, “Elogio da Verdade”, “O Cáfila de Platina” e “Uma Noite”.

*Papéis Avulsos* reúne os seguintes contos: “O Alienista”, “Teoria do Medalhão”, “A Chinela Turca”, “Na Arca”, “D. Benedita”, “O Segredo do Bonzo”, “O Anel de Policrates”, “O Empréstimo”, “A Sereníssima República”, “O Espelho”, “Uma Visita” e “Alcibíades” e “Verba Testamentária”.

A primeira impressão que nos vem após a leitura desses contos é de duplo sentido: em primeiro lugar, a preocupação de Machado de Assis, através de histórias sem compromisso, de nos revelar uma reflexão sobre o comportamento do ser; em segundo lugar, o interesse em nos apresentar um problema moral. Já que se vai notando que o conto machadiano submete as personagens a uma profunda análise que conduz à revelação do ridículo, do grotesco, do inesperado na vida das personagens. A força de nos revelar algumas ações únicas, o artista entra pelo campo de estabelecimento de uma filosofia de valores. E é por isso que em muitos dos contos dos livros citados, a ação, embora importante e fundamental, às vezes cede passo à revelação de uma idéia, de uma reflexão sobre a personagem. E isto faz com que o contista supere o conto como mero enredo, para levá-lo a um plano mais alto. Não é sem razão que os contos machadianos da fase realista nos dão a impressão de pequenos ensaios sobre o comportamento do ser. Em parênteses queremos lembrar que Massaud Moisés aceitou determinada divisão dos contos em alguns tipos. Assim diz esse autor no artigo intitulado "Conceito e Estrutura do Conto":

Carl H. Grabo, o hoje esquecido pioneiro dos estudos sistemáticos do conto, sugere uma divisão que a meu modo de ver se adapta melhor àquela exigência preliminar. Para ele, os contos classificam-se em cinco grupos: 1. histórias de ação; 2. de caráter; 3. de cenário ou de atmosfera; 4. de idéia; 5. de efeitos emocionais.

Ora, a análise em profundidade do machadiano nos mostra que o que mais atraiu foi conto de idéia, muito embora, as histórias de cenário, de caráter e de ação o tenham interessado. É que, do mesmo modo que ocorre no romance realista, o pensador Machado de Assis está bastante presente no conto. O contista põe suas personagens a agir, mas está sempre refletindo, comparando, fazendo ilações, estabelecendo conjectura sobre as criaturas. De tal modo que nas várias aparições dos homens e das mulheres o autor está interessado no Homem e na Mulher.

Ainda mais, a compreensão mais profunda do conto machadiano terá que chegar à conclusão da presença de dois aspectos fundamentais: a moral e o sentimento humano, aquela com mais destaque que este. E porque o contista reflete sobre suas personagens igualmente exige de nós que reflitamos sobre a história narrada. O conto de Machado estabelece um forte compromisso com a vida.

Vistos estes aspectos gerais, passemos a observar em breves anotações os temas preferidos nos contos machadianos e nos ateremos mais às três obras que citamos anteriormente, das mais expressivas do contista Machado de Assis<sup>2</sup>. Ressalta-se em primeiro lugar como tema a figura feminina. Do mesmo modo que no seu romance romântico, e romance realista, a mulher tem grande destaque no conto machadiano. E isto se explica porque: a mulher é mais sutileza, é mais mistério, tem uma alma mais sensível e medrosa, é mais melindrosa e mais complicada na sua psicologia que o homem. A mulher, portanto, muito mais que o homem ela oferece ângulos de visão mais sugestivos, e de maior riqueza para um analista, caso Machado de Assis. E é por esta razão que a galeria de figuras femininas é bastante grande nos contos de Machado de Assis.

Senão vejamos: “Uns Braços”, “A Desejada das Gentes”, “Mariana”, “D. Paula”, “Missa do Galo”, “D. Benedita”, constituem alguns dos contos mais expressivos em que a figura da mulher surge com indisfarçável interesse. É vista dentro duas perspectivas: a moral e a sentimental, aquela superpondo-se a esta.

Em “A Missa do Galo” e “Uns Braços”, coloca-se o problema de adultério realizado na consciência das personagens; Machado de Assis revela indiretamente, através do estudo dos gestos minuciosos das personagens, as suas tendências em geral de sentido sensualista. Veja-se, por exemplo, uma passagem expressiva de “A Missa do Galo” e outra de “Uns Braços”. No primeiro conto é a figura de Conceição que domina amplamente:

“Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras semicerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços para umedecê-los. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos, sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos”. — (*Páginas Recolhidas*, p. 95)

Pode-se perceber perfeitamente através dos pormenores descritivos (os olhos, as pálpebras, a cabeça, a língua e os lábios), a onda de sensualismo de que está possuída Conceição. Estes aspectos foram os que mais impressionaram (o conto é todo um retrospecto de impressões) o jovem Nogueira, naquele

(2) O contista dizia sobre o conto: “É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade e creio que essa mesma aparência de facilidade lhe faz mal, afastando-se dele os escritores e não lhe dando, penso eu, o público, toda a atenção de que muitas vezes é credor.”

encontro cheio de subentendidos sensuais, especialmente da parte de Conceição. A mulher é fonte de todos os problemas morais e sentimentais e aparece em plano superior pela maior experiência da vida e por ser bem mais velha que Nogueira. “A Missa do Galo” concentra quase todo seu vigor, a sua expressão, na figura da mulher sensual que procura usar de todos seus recursos de beleza para chegar a realizar seus intentos, só não o conseguindo, dadas a ingenuidade e a imaturidade do jovem Nogueira.

É a mulher com seus movimentos, com seus gestos, com toda sua carga de sedução que deliberadamente realiza o adultério mental. Contudo, Conceição mostra-se dentro de sua lubricidade de uma finura e de um requinte próprios da criatura consciente de seus dotes físicos. Defronte dela o jovem Nogueira, atônito, surpreso, confuso, sem compreender naquele momento (só o compreenderá mais tarde) as intenções de Conceição, ajudadas da presença da noite lá fora e da penumbra no quarto em que conversavam. Tudo se passou em alguns minutos, no quarto de Nogueira, pouco antes da “Missa do Galo”. Ainda mais, mesmo no andar e nos meneios, Conceição dá mostra insofismável dos seus encantos de mulher fatal. Trata-se de um conto que assinala um momento importante na vida das duas personagens: na revelação da alta sensualidade de Conceição e na demonstração da existência de um diálogo cheio de subterfúgios (que todos temos ou podemos ter na vida)<sup>3</sup>; e que Nogueira, só depois de alguns anos vai compreender.

Em “Uns Braços” é outra figura de mulher sensual, com uma grosseirice animal que não existia em Conceição. Ela é D. Severina, mulher madura, já vivida e que deseja o jovem Inácio, que morava em sua casa. No entanto, ela é mais atrevida, mais materialona e chega a beijar o rapaz quando este está dormindo. Realizou mentalmente o adultério e muito mais facilmente que Conceição chegaria a concretizá-lo nessa ou n’outra oportunidade.

É também através da descrição minuciosa dos gestos que Machado de Assis consegue revelar a tensa e intensa agitação interior em que vive D. Severina. Enfim, Conceição e D. Severina constituem duas figuras de relevo na galeria de mulheres que o conto machadiano apresenta.

Outros contos se revelam claramente como interpretação ensaística e filosófica do ser. Em “O Espelho” opera-se a

---

(3) Conforme lembra Massaud Moisés no artigo já citado.

análise da dupla personalidade, onde Machado de Assis insiste em afirmar que “o hábito faz o monge”. Realmente, Jacobina, o protagonista ao vestir a roupa de alferes, transformava-se completamente e nem de longe parecia o ser simples que era sem aquela roupa.

Em “O Enfermeiro” temos outro estudo do comportamento humano. Um homem encarregado de tomar conta de um velho ranzinza, é agredido por este, num rompante de raiva e vem a morrer. Inicialmente, o enfermeiro é invadido pelo remorso, mas com o tempo, gradativamente, vai esquecendo do crime, a ponto de quase não lembrá-lo mais.

Machado quer significar com este conto que o tempo aplaca tudo ou quase tudo, até mesmo a consciência de um ser que tenha praticado um crime. Novamente surge aqui um breve estudo de certo comportamento universal do ser. Confirma-se a impressão de que muitos contos são pretextos para que Machado de Assis teça considerações em torno do espírito e da consciência do ser e dos problemas morais e sentimentais advindos daí.

Em “O Alienista” temos o estudo de uma personagem, Simão Bacamarte, médico que tratava de loucos e que era julgado por todos como um indivíduo perfeito. Isto o deixava aborrecido, porque os que o julgavam assim é que deveriam estar fora de seu juízo normal. Simão acreditava que ele, como todas as criaturas humanas, possuía defeitos também. E nessa análise em torno da sanidade e loucura, Machado de Assis assinala a inexistência de limite perfeito entre a sanidade mental e a loucura. Tudo dependia de um ponto de vista com relação ao problema. Portanto, temos reflexões tomadas novamente da posição de um pensador com relação ao problema complexidade no estabelecer limites nos problemas do ser.

Em “Teoria do Medalhão” temos outro ensaio agora em torno da aparência humana, num tom indisfarçavelmente irônico Machado de Assis coloca o conto (aliás, todo ele um extenso diálogo) a conversação entre um pai e um filho que completava vinte e um anos. O pai tenta convencer o filho de que a melhor profissão era a de medalhão e para o qual alguns requisitos eram importantes: o primeiro era não ter idéias e portanto repetir idéias dos outros; outro, seria fazer bastante propaganda em torno dos menores acontecimentos, para que todos ficassem sabendo. E nessa linha de pensamento, Machado de Assis critica e ironiza as pessoas que acham que a aparência é tudo, e que transformar-se no medalhão deve ser a grande preocupação da criatura humana.

Em “A Causa Secreta”, Machado de Assis faz o estudo de um tipo sádico que se comprazia grandemente com o sofrimento e a morte das criaturas. Apresenta então a figura de Fortunato, um tipo patológico, que se extasiava com a dor alheia. A história serve de pretexto para que o contista nos apresente as características de certos tipos humanos que ultrapassam o limite do patológico e vivem normalmente como se fossem perfeitamente sãos.

Enfim, em rápida visão, aí estão alguns aspectos do conto machadiano. Agora, perguntar-se-á. O que faz expressivo e cheio de valor o conto de Machado de Assis? O que nos leva enfim que ele nos leva com atenção e cuidado à sua narrativa? Por que será enfim que ele nos atrai?

Antes de responder tais questões, queremos fazer um breve parêntese para dizer o seguinte: Machado de Assis no campo da prosa com ficção realizou romances e contos; e a leitura de tais obras nos assinala que, embora Machado de Assis fosse excelente romancista porque sabia ver a extensão e profundidade o desenvolver lento da vida de suas personagens, que o levaria à análise, no conto estão mais presentes outras qualidades de igual ou maior relevo. A narrativa curta se deu bem com Machado de Assis, porque era um homem que sabia intuir genialmente os acontecimentos humanos, que sabia sintetizar, através da apresentação de momentos importantes na caminhada de suas personagens. Que além disso, apesar da brevidade da forma conto, soube refletir em torno das ações humanas, para, num processo de enxugamento, revelar certos dados constantes do comportamento humano. Soube vislumbrar, e não só isso, conseguiu para lá das ações humanas, descobrir idéias e realidades permanentes do ser. É a presença do pensador que faz grande o conto machadiano. Isto no que concerne ao conteúdo. Mas existe também o problema dos recursos técnicos em Machado de Assis. Embora compreendendo o valor da idéia no conto, e sendo num sentido amplo um moralista, Machado realizou a forma como ação e é por isso que os recursos técnicos mais empregados pelo contista são de caráter dinâmico. É preciso reconhecer que, fundamentalmente, Machado dominou com rara perfeição o processo narrativo que justamente veicula uma dinâmica das ações humanas. Nota-se um equilíbrio que está especialmente em conferir um movimento crescente na ação do conto, quase sempre guardando um clima onde o interesse do leitor caminha em ritmo ascendente. Assinala-se quase sempre o final inesperado e enigmático e teremos explicado o porquê da atração que nos oferece a narrativa curta

em Machado de Assis. O diálogo constitui outro recurso dramático que o artista movimenta com perfeito domínio chegando mesmo a certo requinte ao criar conto inteiramente dialogado, caso de “Teoria do Medalhão”. A descrição está presente em Machado de Assis, mas apenas no estritamente necessário e o estritamente necessário em Machado de Assis é o que constitui funcionalidade na descrição, funcionalidade para nos explicar o desenvolvimento da ação ou o ambiente em que vive certa personagem. Queremos apenas lembrar dois exemplos: a descrição do ambiente em cenas de contos como “A Cartomante” e “A Causa Secreta”. Assim, a dosagem correta dos elementos narrativos, dialogados e descritivos e mesmo dissertativos, é que complementa um bom conto e isto consegue perfeitamente Machado de Assis. Claro que todos estes processos de construção formal do conto sucedem a um conteúdo intuitivo pelo artista e aqui aparecem separados para fim didático. Contudo, quando cria seu conto, o artista reúne tudo num bloco (fundo e forma, conteúdo e continente). Intuitivamente e sinteticamente o artista elabora o conto como um bloco na sua mente. Apenas quando passa para o papel é que procura acertar alguns elementos da estrutura do conto.

Desta estrutura alguns elementos estão presentes: a plasticidade e a objetividade. Para Machado o conto é um acontecimento que deve ser narrado em poucas páginas; a ação é única e participam poucos elementos: duas ou três personagens no máximo. Quando aparecem muitas personagens, é porque algumas delas são secundárias e servem apenas para dar andamento à ação. É o caso da cartomante em “A Cartomante”, da mãe de Conceição, D. Inácia em “Missa do Galo”, do marido de D. Severina em “Uns Braços”. A ação é única; tudo, personagens e peripécias dependem e levam a esta ação. Em síntese, o conto machadiano implica numa visão de vida profunda, apresentando o que a criatura humana pode apresentar de ridículo, de protesto, de irônico, de visível através de seus atos. Com seus contos, Machado de Assis criou uma grande galeria de personagens cujas ações decorrem no Rio de Janeiro, mas que, vistas através dos olhos agudos do artista contista, lançam-na a um plano universalizante dessas mesmas ações. Mas a profundidade com que Machado viu as criaturas, exige de nós leitores uma leitura atenta e detida reflexão. Somente assim, nos serão reveladas as grandes jóias que o artista criou com “O Alienista”, “A Missa do Galo”, “O Enfermeiro”, “A Cartomante”, “Singular Ocorrência”, “Cantiga dos Esponsais”, “Teoria do Medalhão”, “Um Apólogo”, “A Igreja do Diabo”,

“O Caso da Vara”, “Miss Dollar”, “A Chinela Turca”, “Conto de Escola”, “A Desejada das Gentes”, “A Marcha Funébre”, “Causa Secreta”, “Trio em Lá Menor”, “O Espelho” e tantas outras.

É por isso que o crítico Massaud Moisés diz com justeza nas notas preliminares aos contos do artista:

“No balanço geral, raro será o leitor capaz de resistir à sedução dos contos de Machado de Assis, graças a conterem aqueles condimentos que sempre procuramos no conto, em particular, e na obra de arte em geral: plano cotidiano e transporte para planos de ansiosa procura da beleza artística, que é, afinal, dos meios mais diretos para o individuo se tornar cada vez melhor. A leitura dos contos machadianos talvez mais do que seus romances, permite contemplar alguns dos eternos aspectos do largo painel que é, ao cabo a trajetória da espécie humana pela face da terra”.